

Senador Nilo Coelho



“Não pretendemos passar à História como parlamentares do “não dizer”, quando nossa missão é a de falar, traduzir o pensamento daqueles que representamos e expressar a vontade nacional.”

NILO COELHO

(Discurso pronunciado a 1º de março de 1983)

A REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA, em nome do SENADO FEDERAL e no seu próprio, grava, neste número, sentida homenagem à memória de NILO COELHO, falecido enquanto Senador da República, Presidente da Casa e do Congresso Nacional.

NILO DE SOUZA COELHO nasceu em Petrolina, Pernambuco, a 2 de novembro de 1920. Filho de Clementino de Souza Coelho e de Josefa de Souza Coelho, casou-se com Maria Tereza Brennand de Souza Coelho. Deixou cinco filhas: Maria Dulce, Maria Alice, Maria Tereza, Maria Carolina e Maria Luciana.

Diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1944, exerceu na área da profissão médica diversas atividades: médico estagiário da Força Aérea Brasileira em 1945, médico estagiário da Cadeira de Técnica Operatória do Hospital Cruz Azul, em São Paulo, em 1946, médico residente do mesmo hospital e no mesmo ano.

Ingressou na vida pública como parlamentar. Elegeu-se Deputado à Assembléia do Estado de Pernambuco pela legenda do PSD, em 1946, exercendo o mandato no quadriênio 1947-1950. Foi, nesse interregno, 1º-Secretário da Mesa Diretora da Assembléia e membro da Comissão elaboradora da Carta constitucional de Pernambuco.

No quadriênio 1952-1955 participou da Administração pernambucana na qualidade de Secretário da Fazenda (Governo Etelvino Lins) já, então, como Deputado federal, eis que se elegera para a Câmara dos Deputados, ainda pela legenda do PSD em 1950. Ali permaneceria, reeleito sucessivamente, por quatro Legislaturas.

Enquanto Deputado federal, integrou a Comissão de Orçamento e Fiscalização Financeira (1955-1966) e exerceu o cargo de 1º-Secretário⁽¹⁾. Nesse cargo, Nilo Coelho foi, como emissário do Palácio do Planalto, o portador do Ofício que colocou em recesso o Congresso Nacional⁽²⁾.

Governava o País o Presidente Humberto de Alencar Castello Branco, de quem era amigo pessoal o então 1º-Secretário da Câmara dos Deputados. Fazia-se notória a evidência de Nilo Coelho já nesse período.

Em 1966, em pleito indireto e indicado pelo Presidente Castello Branco, o político de Pernambuco foi escolhido para o posto de primeiro mandatário do Estado natal (1967-1971). Como Governador, Nilo Coelho visitou os Estados Unidos da América, a convite do Departamento de Estado⁽³⁾.

No Governo do Estado, fez uma administração desenvolvimentista, conseguindo integrar o Sul de Pernambuco — região, à época, sob a influência econômica da Bahia — graças, em especial, à ligação asfáltica Petrolina—Recife, rodovia que atravessa a região árida e desértica de Pernambuco.

(1) Dados extraídos da obra "Senadores — Dados Biográficos. Quadragésima Sétima Legislatura. 1983-1987". Subsecretaria de Arquivo do Senado Federal.

(2) *O Estado de S. Paulo* — 10-11-1983.

(3) *Jornal de Brasília* — 26-5-1982.

Em 1971, ao deixar o Governo do Estado, Nilo Coelho passou a dedicar-se aos negócios da família: indústrias têxteis, de óleos, empresas de exportação, representações comerciais, agropecuária, comunicações etc.

Em 1978, elegeu-se para o Senado pela sublegenda 1 da ARENA.

Na Câmara Alta, verificou-se a ascensão vertiginosa do político nordestino: em quatro anos, ocupou a Vice-Presidência da Casa, a Liderança do Governo, a Presidência do Senado e, por conseguinte, a do Congresso Nacional.

Na Liderança do PDS, revelou-se defensor irrestrito do voto distrital e trabalhou, decididamente, no sentido de precipitar a reformulação da Lei Falcão, como meio destinado a conter a influência do poder econômico sobre a campanha eleitoral.

Noticiou a respeito o *Correio Braziliense*, de 7 de julho de 1982: “Em reuniões que manteve com o Ministro da Justiça e principal articulador da nova lei da propaganda eleitoral, Ibrahim Abi-Ackel, e o Presidente do PDS, Senador José Sarney, Nilo Coelho ressaltou a necessidade urgente de promover-se o acesso gratuito dos políticos ao rádio e à televisão”.

Enquanto isso, o Líder do Governo, com a veemência inerente a seu temperamento, insurgia-se contra o fechamento de questão no seio do PDS, com a finalidade de aprovar-se o projeto de emenda constitucional visando ao restabelecimento do *quorum* de dois terços e à introdução do sistema do voto distrital no País: “Meu senso político me diz” — declararia Nilo Coelho — “que não é com violência e com rolo compressor que o PDS vai conseguir aprovar um projeto polêmico como este”. Diria mais: “Sou um liberal. Em nenhum momento, arredo o pé da minha posição contrária ao fechamento da questão” (4).

Em dezembro de 1982, o Líder do PDS preconizava a designação, pelo Presidente da República, de uma comissão de alto nível composta de juristas notáveis e de políticos, tendo em vista a reforma do texto constitucional vigente, aventando também a possibilidade de um entendimento com as oposições em torno da reforma.

Entre as alterações constitucionais de maior urgência, Nilo Coelho dava prioridade àquela pertinente à política tributária da União, ao mesmo tempo que considerava palpáveis as injustiças praticadas na área da distribuição dos tributos pelos diferentes Estados (5).

Foi também, na qualidade de Líder do PDS, que o político, após o episódio do atentado à bomba, do Rio-Centro — de triste memória —

(4) *O Globo* — 10-6-1982.

(5) *Jornal do Brasil* — 14-12-1982.

(19-5-1981), diante de um Plenário surpreso, declarou que o Governo estava disposto a ir até o fim na apuração das responsabilidades (6).

Em 1982, Nilo Coelho galgaria o posto de Presidente do Senado Federal. Relata *O Globo*, de 10-11-1983, que a conquista da Presidência revelou-se numa demonstração de ousadia: "Quando o Palácio do Planalto começou a pensar em nomes (...) ele já havia arrebanhado o apoio irreversível de todos os Partidos, comunicando ao Palácio que era candidato".

Ao assumir a Presidência da Casa dos Senadores, o Presidente eleito revelou uma tomada de consciência em face das novas responsabilidades, alicerçada na firme decisão de reformular a imagem do Poder Legislativo na moldura institucional do País.

"Estou consciente", disse Nilo Coelho em seu discurso de posse (7) "... de que assumo a Presidência do Senado Federal num dos momentos cruciais da nacionalidade. A 47ª (quadragésima sétima) Legislatura se inicia sob o signo de crise sem precedentes.

Para enfrentá-la e vencê-la, o Poder Legislativo deve aproveitar a força renovadora que hauriu no último pleito e, ao realizar uma revolução de comportamento, alimentar um permanente e aceso debate de todos os problemas, promovendo um diálogo capaz de influir nas decisões dos rumos definidores do destino do País.

O bem comum, que nos cabe promover, exige a fertilidade do diálogo, da negociação e do entendimento.

Não há barreiras políticas insuperáveis, quando se trata de atender aos anseios do povo e aos interesses da Pátria."

Na firme decisão de concorrer para a ativação daquela força renovadora, o Presidente expressaria o propósito "de manter intocada a dignidade do Poder Legislativo e o de lutar pelo reconhecimento pleno das prerrogativas que lhe são iminentes."

A profissão de fé de Nilo Coelho conduziu-o a um retrospecto ao seu tempo de jovem universitário, quando os moços cultivavam a política pela pregação democrática, pelo culto à liberdade. E ditou uma mensagem aos moços de hoje:

"A mensagem que eu tenho aos moços é o cultivo da política, é o aprimoramento, é a lição primeira de defender a liberdade.

E parece que estou a ver Samuel Mac Dowel recitar os versos de Longfellow: "Onde houver injustiça, liberdade. Onde

(6) *Correto Braziliense* — 10-11-1983.

(7) *DCN (S. II)* — 3-2-1983.

houver opressão, liberdade. Onde houver angústia, liberdade. Liberdade, liberdade, liberdade.” Esta Casa tem o vulto de Rui Barbosa, ali, a nos contemplar; o civilista e o homem da lei. Que este seja o nosso guia nesta hora grave. . .”

Terminando, disse o Presidente:

“Srs. Senadores, com estas palavras eu creio que, ao assumir a Presidência do Senado Federal, estão presentes em mim muito mais os deveres que tenho para com a Nação e os meus pares, do que o mero enlevo no exercício de um destino reservado pelas honras da vida pública.

Minha palavra não se omitirá, nem minhas mãos estarão presas diante da legítima decisão que assumo do bem servir.

Asseguro-lhes que esta Presidência contribuirá vivamente com todo o seu esforço para a análise e soluções que requeira o momento brasileiro, nas definidas esperanças de nossa gente.

Conto com todos. Haveremos de, juntos, promover os encontros que realizem a parceria da construção nacional.

De todos espero não apenas o apoio passivo, mas a colaboração constante, construtiva e até apaixonada dos eminentes companheiros.”

No discurso de instalação solene da primeira sessão legislativa ordinária da Legislatura que se inaugurava — a 47ª —, a 1º de março de 1983 (8), Nilo Coelho colocaria as eleições como fundamento único e justificação exclusiva da titulação dos mandatos:

“A prática do mandato livre requer, sempre, e continuará a exigir deste Congresso e de seus membros, uma autovigilância diuturna sobre as suas inquietações e sobre seus atos, para que reflitam harmonicamente os anseios da sociedade diversificada e coesa que representam.”

E lançaria também os pontos básicos de seu ideário político, ao defender o primado da política sobre a técnica, a implantação da justiça social, a eliminação da pobreza rural, o fortalecimento financeiro das Unidades da Federação, através de reforma tributária, a formulação de uma legislação de desenvolvimento urbano adequada à nova realidade brasileira, a melhoria das condições de produção, o fortalecimento dos Municípios “esvaziados financeira e tecnicamente”, a colocação da problemática do Nordeste de forma que lhe seja dispensado um tratamento prioritário etc.

No desempenho do alto cargo, o novo Presidente portou-se coerente com esses pronunciamentos.

(8) DCN — 2-3-1983.

Muitas vezes, revelou-se, independente, até a rebeldia, nas críticas à política econômica do Governo e ao tratamento desigual dispensado ao Nordeste.

O espírito arrebatado de Nilo Coelho, a independência, o temperamento marcado pela franqueza revelaram-se em toda a sua plenitude, quando da recente votação do Decreto Legislativo nº 72, de 1983, que visava à rejeição do Decreto-Lei nº 2.024, de 25-5-1983, portador de nova redação para o art. 2º da Lei nº 6.808, de 30-10-1979, pertinente à correção automática dos salários e à modificação da política salarial.

Na noite de 21 de setembro de 1983, em meio a uma das mais tumultuadas sessões vividas pelo Congresso Nacional, o atual Líder do PDS, Senador Aloysio Chaves, procurou evitar a votação dessa matéria, levantando a seguinte questão de ordem (9):

“Sr. Presidente, embora nas deliberações em sessões conjuntas os votos da Câmara e do Senado sejam computados separadamente — Regimento Comum, art. 43, *caput* —, o processamento da votação não obedece ao mesmo princípio. De acordo com o art. 49 do Regimento Comum, Deputados e Senadores participam conjuntamente do encaminhamento da votação, que é parte integrante da votação — entre aspas — conforme interpretação do citado dispositivo regimental dada pela Presidência com apoio do Plenário em diferentes oportunidades, podendo ser citadas as decisões que orientaram as sessões conjuntas realizadas a 13 de setembro de 1980, e a 22 de outubro de 1981, para as votações, respectivamente, da Proposta de Emenda à Constituição nº 51/80 — prorrogação de mandato dos Prefeitos — e do Projeto de Lei nº 23/81 — instituição da sublegenda para as eleições de Governadores. No primeiro caso, o apoio da maioria e, no segundo, por provocação da minoria. As votações, tanto no Senado — Regimento Interno, art. 322, *caput* — quanto na Câmara dos Deputados — Regimento Interno, art. 172 — somente podem ser iniciadas com a presença da maioria — metade mais um dos respectivos membros — maioria essa verificada pela lista de presença fornecida à Mesa pelo órgão competente de cada uma das Casas. Encerrada a discussão, considerando-se ter o processo de votação início com seu encaminhamento, necessário se torna, para que este seja iniciado, verificar-se, em ambas as Casas, a presença da maioria dos respectivos membros. Este, aliás, o princípio geral adotado mesmo nas sessões em Casas separadas, conforme norma no Regimento Interno da Câmara — art. 99, §§ 1º, 2º e 3º, e art. 170, § 5º — e no Regimento Interno do Senado — arts. 340 e 343. Assim, encerrada a discussão de qualquer matéria, a Presidência verifica se a lista de presença

(9) DCN — 22-9-1983.

registra o comparecimento da maioria dos membros das respectivas Casas. Havendo número, passa-se à votação, concedendo-se a palavra aos oradores inscritos para o encaminhamento. Não havendo número, passa-se, se houver, à matéria seguinte em discussão, sem, portanto, ser concedida a palavra para o encaminhamento da votação.

Em conclusão e em resumo, Sr. Presidente, o encaminhamento da votação é o início do processo de votação, para o qual é preciso que haja *quorum* exigido regimentalmente em ambas as Casas. V. Ex^a anunciou que no Senado da República estão presentes 30 Srs. Senadores, e a maioria são 35 Srs. Senadores. Não há, portanto, *quorum* para deliberação."

Contraditada, discutida a objeção através da palavra de diversos oradores, após a reabertura da sessão que fora suspensa por trinta minutos, decidiu o Presidente:

"Srs. Congressistas, tenho consciência e noção perfeita da responsabilidade que pesa sobre meus ombros quando ocupo assento na Presidência do Congresso Nacional. A questão de ordem levantada pelo Senador Aloysio Chaves, Líder do meu Partido, foi muito bem apresentada, num Regimento cheio de lacunas. Não me oferecem condições todos os Regimentos, nem o Regimento Comum, nem o Regimento Interno da Câmara dos Deputados, nem o Regimento do Senado Federal, para que possa chegar em socorro ao Líder do meu Partido."

Alheio a razões políticas, escudado nas prescrições regimentais que regulam os trabalhos de cada Casa legislativa e do Congresso Nacional, Nilo Coelho submeteu a matéria aos votos do Plenário.

No final da turbulenta sessão de 21 de setembro, o Presidente do Congresso Nacional, movido pela sensação de plenitude que empolga aos que sobrepõem o dever às contingências, pronunciaria as palavras que lhe abririam as portas da História.

Fazendo assumir a Presidência o segundo Vice-Presidente, Senador Jaison Barreto, disse Nilo Coelho da tribuna do Congresso:

"Sr. Presidente, Srs. Congressistas, tenho noção exata da responsabilidade que pesa sobre quem sinta naquela cadeira. Eu repetiria, hoje, o discurso que fiz na abertura do Congresso, quando tomei posse na Presidência desta Casa. As minhas palavras iniciais são de repulsa. Devolvo a censura, ou por delegação ou por fala própria, do Líder Ricardo Fiúza, do meu Partido, ao Presidente do Congresso Nacional. Não sou Presidente do Congresso do PDS; sou Presidente do Congresso do Brasil. Fui eleito pela unanimidade do Senado da República. Tive a unanimidade dos votos de todos os Partidos e tenho de honrar este mandato.

Eu não tenho que devolver uma fração do PDS, porque, neste instante, resolvi em contrário uma questão de ordem do Líder do meu Partido. Eu não seria digno de permanecer sentado naquela cadeira se não dissesse essas coisas nesta hora. Eu tenho 34 anos de vida pública; eu venho de uma terra aguer-rida, de uma caminhada áspera; meu compromisso é com quem está na tribuna, é com o povo, mais sofredor do que este. Eu frequento lugares claros e ensolarados; eu não frequento cafuas; eu não frequento pés de escadas; é por isso que estou aqui nesta Casa. Eu fui eleito. Eu saio da tribuna confortado. Eu morreria hoje se não dissesse essas coisas aos congressistas do Brasil.”

Já enfermo, Nilo Coelho falou à imprensa sobre esse episódio, dizendo que se tivera, então, “com bravura e dignidade pernambucanas”. “Essa dignidade” — acrescentou — “é meu orgulho. Não me arrependo das coisas que fiz...”, “tenho arrependimento das coisas que deixei de fazer”.

Vítima de enfarte, o Presidente do Senado Federal faleceu em São Paulo a 9 de novembro de 1983, após ter sido operado, uma vez, para a colocação de ponte de safena; outra, para reparar a ruptura do septo ventricular.

O corpo do Presidente, conduzido de São Paulo para Recife, ficou exposto à visita pública no Salão das Bandeiras do Palácio do Governo onde foi velado. O sepultamento verificou-se na cidade de Petrolina, terra natal do político pernambucano.

Ao desaparecer, Nilo Coelho legou ao País uma imagem pública marcada por atitudes autênticas, desvinculadas de compromissos políticos. Sua morte sensibilizou a Nação. A perda do Presidente entristeceu a Casa dos Senadores.

O Senado Federal, no mesmo dia do falecimento, prestou-lhe sentida homenagem.

Na sessão ordinária daquela data, registra-se a apresentação de requerimento formulado de acordo com as tradições da Casa, tendo em vista: a inserção em ata de voto de profundo pesar; a representação nos funerais; a apresentação de condolências à família e ao Estado de Pernambuco; o levantamento da sessão.

No encaminhamento da votação do requerido, os seguintes senhores Senadores exaltaram a memória de Nilo Coelho (10):

Senador Octávio Cardoso:

“... O Congresso Nacional, o País e o mundo político acabam de perder, com a morte do Senador Nilo Coelho, Presidente desta Casa, uma de suas melhores expressões.

(10) DCN (S. II) — 10-11-83.

Nilo Coelho, médico, Deputado estadual, Deputado federal, Secretário de Estado, Governador de Pernambuco e Senador da República, foi sempre uma figura exemplar de político. Corajoso, desassombrado, impulsivo muitas vezes e generoso sempre, soube mostrar, com a sua intrepidez, a sua coragem, o seu devotamento à causa pública, em momentos importantes da vida nacional, o caráter político e a inspiração patriótica. Enluta-se, portanto, o Senado Federal, o Congresso Nacional, o seu Partido e a República com o seu passamento, numa hora grave da nacionalidade na manhã que se sucedeu a uma memorável noite de lutas no Congresso Nacional, em que se exerceu, na maior plenitude, a democracia, o debate político, o confronto das idéias, justamente no último momento de vida daquele que deveria estar presidindo, com sua altivez, com sua independência, o Congresso Nacional. . . .”

Senador Pedro Simon:

“... Não há dúvida nenhuma de que esta é uma hora difícil para o Brasil, dolorosa para todos nós, onde, a par das divergências e daquilo que possa nos separar, temos que parar para pensar e reconhecer o quanto nos identificamos na luta, no trabalho e na bravura deste grande homem que foi Nilo Coelho. Homem que buscou o voto popular, homem que como Deputado estadual, Deputado federal em diversas Legislaturas, como Senador da República e como Secretário de Estado, como Governador do seu Estado, como Líder do Governo nesta Casa, e como Presidente desta Instituição, sempre se impôs pelo seu caráter, pela sua integridade e pela sua receptividade. Homem do qual se podia, repito, discordar — é muito provável que muitos companheiros meus do PMDB de Pernambuco muitas vezes tenham dele discordado — mas somos obrigados a reconhecer que se tratava de um homem íntegro, homem sério, homem correto, homem de bem, homem que lutava por suas idéias com denodo, com esforço e com dedicação.

Nesta época tão difícil e séria da nossa luta política, quando temos que lutar contra tantas e tantas dificuldades por que atravessa o Brasil, sou testemunha de que Nilo Coelho era aquele que unia a figura de grande empresário, à de Presidente do Congresso Nacional. Lutava valorosamente pela causa política, preocupava-se com soluções reais para as dificuldades que estamos vivendo. . . .”

Senador Helvídio Nunes:

“... Os oradores que me precederam já exaltaram muitos dos principais aspectos da vida de Nilo Coelho.

Nas rápidas palavras que de agora em diante desejo produzir, quero salientar um dos ângulos da vida daquele emi-

nente colega que marcaram de modo particular a sua trajetória na vida pública: foi o seu amor incomensurado à nossa região, ao Nordeste.

Apesar do tipo físico mais chegado ao Centro-Sul do que à nossa região, Nilo Coelho foi um autêntico, um puro, um intemorato defensor das nossas causas. E, defendendo o Nordeste, é de destacar-se o trabalho, o grande trabalho que desenvolveu em obséquio do seu Estado, Pernambuco, Estado a que serviu como Deputado estadual, como Deputado federal e, sobretudo, como Governador.

Mas Nilo Coelho, dentro do Estado de Pernambuco, tinha e devotava um carinho especial, especialíssimo, à sua cidade natal, Petrolina, sede de suas empresas, empresas que atingem, hoje, também o meu Estado, pois que, talvez, a mais moderna delas esteja instalada na cidade de Picos, no Piauí.

Pensando no seu Estado, pensando na região, pensando na sua cidade natal, recorro que uma das primeiras providências de Nilo Coelho, como Governador de Pernambuco, foi procurar o seu colega do Piauí e propor uma ação conjunta no sentido de que fosse construído o trecho Petrolina—Picos, na BR-407, rodovia que, se ligava Pernambuco ao Piauí e ao Maranhão, trazia também o Pará, o Maranhão e o Piauí a Pernambuco, ao Nordeste, através da larga porta de sua cidade natal, Petrolina.

Foi o homem do Nordeste, foi o homem de Pernambuco, foi o filho amantíssimo de Petrolina. . . .”

Senador Itamar Franco:

“... Hoje, Sr. Presidente, Srs. Senadores, como representante do Estado de Minas Gerais, elevo meu pensamento a Deus na tristeza profunda, no nosso pesar sentido.

Mas convencido estou de que a presença de Nilo Coelho permanece no Senado da República, e quero apenas focar a sua presença aqui onde o conheci, onde iniciamos a nossa amizade. Ele deixa uma lacuna no Senado, mas deixa um grande exemplo, o exemplo do homem público, do homem autêntico, que soube cumprir os seus deveres como cidadão, como patriota. Nesse instante, Sr. Presidente, nós choramos a sua morte, pedindo a Deus que guarde a sua alma. . . .”

O Senador Severo Gomes reverenciou a memória de Nilo Coelho, lembrando passagens do discurso do Presidente pronunciado na abertura da sessão legislativa de 1983. Já nos referimos a essa oração, mas a transcrevemos aqui para realçar as preocupações do homenageado

em face da atual conjuntura brasileira e significar o alcance que o autor da homenagem vislumbrou no pronunciamento do político desaparecido:

“No momento em que vivemos, se me fosse dado interpretar, acima das divergências partidárias, além das conotações ideológicas, dos interesses e das paixões, as inquietações e os anseios nacionais do povo brasileiro, eu o faria auscultando, com sensibilidade e reverência, as manifestações da sociedade brasileira, traduzidas no consenso dos segmentos mais representativos dos diversos setores e funções em que se diversificam as atividades sociais e econômicas do País.

E insiste-se em atrelar nossa economia à conjuntura internacional recessiva, contraída, para a qual pouco contribuimos e da qual o mundo somente se livrará quando os países ricos adquirirem a percepção política de que estão conduzindo o mundo a um frustrante impasse, imprevisível nas suas consequências para o futuro do mundo ocidental.

Nesse contexto, nosso caminho — a solução que os brasileiros todos estão dispostos a perseguir —, a solução que cabe a nós, os políticos, propugnar, consiste em mobilizar as grandes potencialidades internas que efetivamente possuímos para produzir e prosperar.

Poucas, muito poucas mesmo, são as nações que podem, como o Brasil, dispor de tão amplas e tão generosas fontes internas de crescimento, rejeitando o imobilismo a que nos força hoje a economia internacional.

Tudo isso pode ser feito, estou certo, sem a participação de recursos externos, sem agravar os desequilíbrios da balança de pagamentos. Para isto não são necessários dólares, bastam cruzeiros. Nem tecnologias, nem saberes importados. Os nossos já são mais que suficientes.”

Acrescentou o Senador Severo Gomes que “Nilo Coelho morreu num dia doloroso e funesto para todos aqueles que estariam dispostos a subscrever as suas palavras”.

E disse mais: “Sr. Presidente, paradoxalmente, para Nilo Coelho, como para tantos bravos, a coragem foi matéria-prima da morte.”

Senador Passos Porto:

“... Teve quase toda a sua vida no Parlamento: Deputado estadual, Deputado Federal e Senador. Transformou-se numa das figuras mais positivas, mais fascinantes da História do nosso País. Haverá, evidentemente, de fazer falta à nossa Casa.

Lembrei-me dele, neste último instante, de sua imagem na televisão, no hospital em São Paulo, quando dizia que não se tinha arrependido do que tinha feito, mais estaria arrependido, sim, de muita coisa que não pôde fazer. Eu diria, Sr. Presidente, que ele realmente não teria de se arrepender de nada do que fez na vida, senão deste instante, em que volta ao chão que o viu nascer, porque ele, em vez de ir para lá, deveria ter voltado para cá, para a alegria de todos nós. . . .”

Senador Hélio Gueiros:

“... Não era homem de apertar a mão, enfraquecendo o aperto; não era homem de abraçar; não era homem de bater nas costas sem, realmente, estar sentindo afeto e amizade a quem ele apertava a mão ou abraçava.

Isto é raro, Sr. Presidente, Srs. Senadores. É raro neste mundo de hipocrisia, em que todos fingem, é raro alguém ser assim tão autêntico e tão legítimo como era Nilo Coelho. O contato foi pouco, mas a admiração foi como se eu o conhecesse de longas e priscas eras. E agora posso dar o meu testemunho a respeito da grandeza da sua alma, do seu patriotismo, da sua dedicação à causa pública.

O eminente Senador Helvídio Nunes disse que ele era uma alma pernambucana. Acho que não, eminente Senador Helvídio Nunes. A bravura, a fibra, eram nordestinas e eram pernambucanas, mas a alma, era do Brasil, já que pulsava por toda a Nação brasileira, por ela sentia e palpitava com todas as forças do seu coração. . . .”

Senador Gabriel Hermes:

“... Nilo Coelho era, acima de tudo, Sr. Presidente, um coração humano, um bom amigo, fraterno mesmo. Tive a felicidade de conhecê-lo há longos anos, quando, juntos, chegávamos à Câmara dos Deputados. Depois o nosso convívio traduzia-se nos assuntos relacionados com as classes empresariais.

Relembro, aqui nesta Casa, um fato: a 22 de maio deste ano, ocorriam várias solenidades, para as quais tinha sido convidado o nosso Presidente Nilo Coelho; dois embaixadores e um ministro convidavam-no para que honrasse a casa dos mesmos com a sua presença. Sentado ao seu lado, convidei-o para que passasse em minha casa, para sentir aquilo que tanto ligava os paraenses e a que ele, várias vezes, se referira: as nossas comidas regionais. Eu lhe disse que ele estava dispensado, devido a seus compromissos. Ele e sua querida companheira, eram vizinhos nossos, de porta, de apartamento. Fiquei surpreso

vendo Nilo Coelho e a sua esposa, quase como os primeiros convidados, a chegar a minha casa. Já eram quase 11 horas da noite e eu lhe disse: E os outros convites? Ele disse-me: Irei dar um abraço de passagem. A você — e isto eu creio que ele diria a todos nós: A você, Gabriel, e aos nossos companheiros, nós que sofremos juntos, nós que lutamos juntos, nós que temos tanta responsabilidade, a vocês é que eu devo muito, inclusive esta alegria de poder estar sentindo-me estimado.

Quero dizer, nesta hora, que lembro o dia 22 de maio, a última vez que Nilo esteve em minha casa, e a última vez que falei com ele, logo após aquela sessão dramática, em que ele apareceu o grande Líder, o homem de coragem, o homem independente. Disse-me estas palavras: “Gabriel, nós precisamos ser homens independentes, para que este País seja um País independente.” E foram estas as últimas palavras que ouvi de Nilo Coelho. Assim, recordo-me do carinho, no dia 22 de maio, dele e de sua esposa, a quem nesta hora mando o meu abraço e o da minha mulher; e as suas palavras, depois daquela luta dramática, quando ele estava abalado: “É preciso ter coragem, para que o nosso País seja independente e para que este País seja o que nós desejamos: um grande País. . . .”

Senador Fernando Henrique Cardoso (que na seguinte passagem relata como foi tomada por Nilo Coelho, na sessão do Congresso de 21 de setembro, a marcante decisão responsável pela votação e consequente revogação do Decreto-Lei nº 2.024):

“... Assisti quase que minuto por minuto ao processo pelo qual o nosso Presidente foi tomando sua decisão. Aprendi com S. Ex^a, naquele instante, aprendi com o seu tormento, porque o vi atormentado — sincera e legitimamente atormentado — estou certo de que não pelas imposições externas, mas provavelmente dado o temperamento do Senador Nilo Coelho, S. Ex^a poderia se opor a estas com relativa tranqüilidade, mas atormentado pelas dúvidas de saber de que lado estava a razão.

Fui eu o primeiro a quem S. Ex^a chamou, naquela noite, quando, conversando com o Líder Aloysio Chaves, S. Ex^a afirmou, por fim, uma convicção. Não me transmitiu a convicção, mas me fez um pedido que torno público: “Perguntou-me se eu estava disposto, naquele momento, a fazer um apelo ao Congresso pela concórdia.” Não precisei perguntar a S. Ex^a qual era a sua decisão. Senti, no olhar, e reafirmei que sim. Não foi necessário que fizesse, eu, um pedido de concórdia. O Líder do meu Partido, na Câmara, o Deputado Freitas Nobre, fez o pedido de que o Congresso Nacional ouvisse, com o respeito necessário, a decisão do Presidente da Casa, e que nós continuássemos com a esperança de que, embora minoria no Senado Federal, poderia-

mos exercer, no Partido, um papel político construtivo para a Nação. Assisti a cada instante a transformação do Senador Nilo Coelho. Foi a mim que ele disse — perdoem-me, talvez a imodéstia, outra vez, de me referir à coisa desse gênero — quando presidia o Congresso Nacional disse-me que eu esperasse um instante, e deixou a Presidência, para assomar à tribuna, porque tinha uma necessidade imperativa de fazer uma declaração ao País. E a fez. Alguém já mencionou aqui que ele era como o rio São Francisco, porque ele tem o nome de um outro rio, o Nilo, que também se comporta assim; fê-la de forma transbordante, e transbordou sua emoção; importa pouco se através dela tenha expressado um sentimento mais ou menos correto com respeito a outros companheiros. O que importa muito é que, junto com sua emoção, transbordou a dignidade de alguém que, ao ser eleito como o foi Presidente do Senado, portanto, Presidente do Congresso Nacional, sentia-se responsável perante as instituições e não perante uma facção partidária, fosse ela qual fosse. É este homem, ao qual rendo as minhas homenagens. . . .”

Aprovado o requerimento, em cuja discussão foram enaltecidas as virtudes e feitos de Nilo Coelho, o Senador Lenoir Vargas, na presidência dos trabalhos, em nome da Mesa, associou-se às homenagens:

“ . . . A Mesa se associa às homenagens aqui prestadas e fará cumprir a deliberação da Casa. As dificuldades que tivemos no sistema de som na tarde de hoje, se por um lado quebraram o hábito dos Srs. Senadores, do uso dessa prótese eletrônica tão adequada à vida moderna, por outro lado deram ao Senado uma intimidade respeitosa para com a memória daquele que tão sentidamente todos aqui homenagearam. Nilo Coelho foi apreciado sob vários aspectos, e por certo o Senado ainda detalhará a sua personalidade em outras ocasiões, em outras oportunidades. Mas, sobretudo, um homem enrijecido na vida pública, coberto de espírito público, um homem direto, um homem sem atalhos e que encontrava — isso ele revelou também na Presidência —, na complexidade das questões que se apresentavam, a linha mestra por onde seguia e por onde se expressava.

Homens como Nilo Coelho, tão bem talhado para a Presidência desta Casa, são homens solitários. A vida pública traz a todos nós momentos de solidão, de decisões pessoais, que nos colocam frente à frente com a Nação, com a Pátria. São momentos excepcionais na vida pública. Mas esses momentos ocorrem. Então, o homem público, por mais modesto, por mais simples, por maior liderança que tenha, sente-se solitário na decisão que tem de tomar.

Por isso, Nilo Coelho cresceu na Presidência do Senado. . . .”

Novamente no Senado Federal, na sessão de 11 de novembro de 1983, a memória do ex-Presidente foi reverenciada.

Procedeu-se nessa sessão à eleição dos novos Presidente e Vice-Presidente da Casa. Eleito para o exercício da Presidência, o Senador Moacyr Dalla, ao assumir o alto cargo, evocou a figura de seu predecessor ⁽¹¹⁾:

“Quis a Providência Divina afastar de nosso convívio a figura invulgar de político experiente e administrador probo, de líder nato e homem público de projeção nacional, nosso saudoso companheiro e amigo, Nilo Coelho, cuja contribuição ao País nunca será demais ressaltar. . . .”

Igualmente, manifestou-se o Vice-Presidente eleito, Senador Lomanto Junior ⁽¹¹⁾:

“... Há tristeza em verificar que há uma cadeira vazia, hoje, nesta Casa. Há tristeza em constatar que aquela figura inesquecível de Nilo Coelho já não está entre nós. Nós, que privamos da sua intimidade desde os bancos da universidade, uma amizade que foi ao longo do tempo crescendo.

Presto, nesta hora, a minha homenagem ao companheiro que tombou no meio do caminho. Quando mais a Nação precisava dos seus serviços, eis que a morte, impiedosa, rouba-lhe a vida, arranca-o do nosso meio e deixa uma lacuna no Parlamento. Aquele homem telúrico, que será sempre inesquecível, repito, com saudade e com respeito.

Não peço um minuto de silêncio, porque para Nilo Coelho não se pede um minuto de silêncio. Palmas a Nilo Coelho, calorosas palmas é o que desejo ouvir do Plenário, nesta hora. (*Palmas.*) Na demonstração maior de que nós não o esqueceremos, o seu exemplo ficará permanentemente aqui, a sua figura jamais sairá da nossa retina, porque Nilo Coelho honrou os mandatos e as missões que o povo lhe confiou. . . .”

Mais uma vez no Senado Federal, a evocação da memória de Nilo Coelho marcou-lhe a presença no Plenário da Casa. Na sessão de 18 de novembro, o Senador Luiz Viana, entre apartes dos senhores Senadores João Calmon, Aloysio Chaves, Lomanto Junior e Aderbal Jurema, traçou em palavras comovidas a linha ascendente da vida política do ex-Presidente.

Da seguinte passagem, emerge o temperamento firme e resoluto do homenageado ⁽¹²⁾:

“... Para os que não lhe acompanharam a vida, ter-se ele, antes e acima de tudo, como Presidente do Congresso, talvez soasse como uma frase, arroubo de oratória, que logo desaparece.

(11) DCN (S. II) — 12-11-83.

(12) DCN (S. II) — 19-11-83.

Na verdade, porém, era a síntese perfeita, a legenda intocável de uma existência inteira marcada pela bravura, pela dignidade de autêntico representante de Pernambuco, legítimo descendente daqueles *leões* da Câmara do Império e a quem, valendo-me de uma imagem de João Neves, direi que os prados do poder não transformaram em cordeiro. Transigir com as conveniências não era o seu forte. O seu clima era o da claridade do sol nordestino sob o qual viu a luz — o seu caminho era largo e franco como as águas do rio em que se banhou na juventude.

Durante mais de duas décadas, acompanhei-lhe os passos através da difícil e perigosa jornada da vida pública. Não pretendo fazer-lhe o elogio, pois este está no testemunho da verdade, que lhe marcará para a posteridade o altivo perfil, que recordo com a emoção de quem conserva a ilusão de ainda o ver presidindo os nossos trabalhos com aquele traço de correção, de dignidade, de cordialidade, inerente à sua maneira de ser e de conviver.

Ao dizer que a bravura era a sua legenda recordava-me eu de um dos primeiros fatos da sua carreira política, iniciada após a queda do Estado Novo. Como sabido, áspera luta eleitoral se travou então entre as candidaturas de Barbosa Lima e Neto Campelo, ostensivamente apoiado pelo Presidente Dutra. Era uma época de riscos e definições. Representante do velho Quelé e da política de Petrolina, Nilo Coelho foi chamado ao Recife pelo Senador Novais Filho, detentor do pensamento de Dutra, e a quem perguntou em que Partido ficariam. “Menino — respondeu o Senador ao jovem emissário —, diga ao Quelé que tabaréu não tem Partido.” Por certo ignorava o estofado de que era feita a alma, o caráter do filho do Coronel Quelé. A resposta veio ao pé da letra: “Temos, Senador, o nosso Partido é o PDS.” Não houve mais conversa. . . .”

O Presidente Moacyr Dalla, também nessa oportunidade, expressou sua reverência à memória do ex-Presidente e associou-se às palavras do orador:

“É difícil, é profundamente difícil para mim, neste momento, associar-me às palavras de V. Ex^a. Não tive a felicidade de conhecer Nilo Coelho há muitos anos. Eu o conheci quando era Deputado federal. Aprendi a admirar-lhe a personalidade. Eu via no cidadão um exemplo a ser seguido. A emoção me toca e eu me recordo que, alhures, afirmara: “Deus fez o homem, deu-lhe inteligência para que ele dominasse o mundo.” Nilo Coelho dominou o mundo. Era o seu mundo onde estava presente, quer em Petrolina, quer neste Senado, quer na Câmara dos Depu-

tados. Onde chegava sua figura marcante, sua personalidade era o sinal que mostrava o domínio de um verdadeiro estadista.

Todos nós choramos, todos nós sentimos a morte do companheiro. Mas Nilo Coelho não morreu. Sua presença se faz sentir em cada canto deste Plenário. . . .”

Na Câmara dos Deputados, não foram menos sentidas as demonstrações de pesar, nem menos expressivas as palavras de reconhecimento proferidas para enaltecer as virtudes cívicas do eminente nordestino.

No mesmo dia do falecimento do Presidente, 9 de novembro, foi requerido o levantamento da sessão em reverência a sua memória, quando 51 senhores Deputados passaram pela tribuna, cada um a engrandecer o homem, o administrador, o político, o Presidente do Senado que, à frente do Congresso Nacional, lhe elevou o conceito perante a opinião pública ao dar-lhe ensejo de, por um ato de vontade, assumir a postura de Poder independente.

Falaram, nessa sessão, os senhores Deputados ⁽¹³⁾: José Carlos Teixeira, Siqueira Campos, Jorge Uequed, Marcelo Linhares, Celso Peçanha, Jorge Leite, Milton Brandão, Múcio Atayde, Celso Barros, Fernando Santana, José Lourenço, Alcides Lima, Brandão Monteiro, Francisco Dias, Francisco Sales, Albérico Cordeiro, Matheus Schmidt, Roberto Freire, Nasser Almeida, Cristina Tavares, Luiz Baptista, Milton Reis, José Fernandes, Antônio Câmara, Luís Dulci, Oswaldo Lima Filho, Mário Juruna, Ubaldo Barém, Edson Lobão, Ruy Côdo, Paulino Cícero de Vasconcellos, Afrisio Vieira Lima, Daso Coimbra, Hélio Dantas, Jorge Arbage, Raimundo Leite, Tidei de Lima, Hélio Duque, Sebastião Rodrigues Júnior, Aurélio Peres, Juarez Bernardes, Orestes Muniz, José Carlos Vasconcelos, Luiz Guedes, Magalhães Pinto, Irma Passoni, Eduardo Matarazzo Suplicy, Elquisson Soares, Genebaldo Correia, Furtado Leite e Domingos Juvenil.

Na Presidência dos trabalhos, o Deputado Fernando Lyra, uma vez aprovado o requerimento para o levantamento da sessão, resumiu, nas seguintes palavras, a extensão daquela homenagem:

“ . . . Sr^{as} e Srs. Deputados, o destino fez com que estivesse presidindo esta sessão de hoje um Deputado que há 17 anos chegava à Assembléia Legislativa de Pernambuco, pela primeira vez, para ser o Líder da Oposição ao Governador empossado, Nilo Coelho. De lá para cá, na Assembléia, nas ruas de Pernambuco, no Plenário do Congresso, as nossas vidas se cruzaram muitas vezes. E aqui estou presidindo a sessão no dia da morte

(13) DCN (S. I) — 10-11-83.

de Nilo Coelho; presidindo como 1º-Secretário, como o foi Nilo Coelho. E novamente as nossas vidas se cruzam, pois Nilo e este Presidente em exercício foram os representantes de Pernambuco que passaram por esta Secretaria.

Nunca em minha vida pública, e como Deputado federal há 13 anos, presenciei o que a Câmara vivenciou nesta tarde. Iniciamos a sessão às 13 horas e são 16:10; portanto, durante 3 horas e 10 minutos a Câmara, por várias vezes, por intermédio de 51 Srs e Sr^{as} Parlamentares, encaminhou requerimento de adiamento da sessão. Só este fato retrataria o que foi a figura humana do Senador Nilo Coelho, o que foi Nilo Coelho como homem público, e, principalmente, como Presidente do Senado Federal e do Congresso.

O Presidente Nilo Coelho morreu sintonizado com a História. O Presidente Nilo Coelho morreu consagrado por seus Pares de todos os Partidos. Pernambuco chora hoje a sua morte; seus colegas lamentam a sua ausência; seus amigos, a perda irreparável; mas há o conforto de que o seu exemplo de cidadão, de pai, de irmão, de colega, de filho e de Presidente deste Poder Legislativo servirá às novas gerações, exatamente naquilo por que ele mais zelava, que era a sua honra e a consciência do dever cumprido.”

Nos dias que se seguiram, a cada sessão da Câmara, uma voz se erguia para reforçar o sentimento de pesar da Casa diante da perda sofrida pelo Congresso e pela Nação.

Assim foi na sessão de 10 de novembro, quando o Deputado Assis Canuto homenageou o ilustre brasileiro (14); na sessão do dia 11, em cujo registro figura o tributo prestado pelo Deputado Artur Virgílio Neto (15); do dia 14, em que se fizeram ouvir as palavras de apreço e saudade do Deputado Ernani Satyro (16); do dia 16, quando o Deputado Carlos Wilson (17) traduziu a consternação da Nação, e em especial de Pernambuco, face à morte de Nilo Coelho.

Nilo Coelho realizou o desiderato de passar à História, não como Parlamentar do “não dizer”, mas, após cumprir a missão de falar, traduzir o pensamento daqueles que representou e expressar a vontade nacional.

(14) DCN (S. I) — 11-11-83.

(15) DCN (S. I) — 12-11-83.

(16) DCN (S. I) — 14-11-83.

(17) DCN (S. I) — 17-11-83.